



UM CONVITE À TOCA DO COELHO BRANCO: CONSIDERAÇÕES SOBRE A MANDALA ASTROLÓGICA¹

Alice Margarida Silveira²



Introdução

A Toca do Coelho Branco, da história de *Alice no País das Maravilhas*, do escritor Lewis Carroll, foi a inspiração que encontramos para escrever este artigo sobre astrologia. Há momentos em nossas vidas que sentimos o chamado do Coelho Branco, é aquele instante em que sentimos uma urgência para ir mais além, desvelar o que está oculto, iluminar nossas sombras, libertar – apesar dos medos – nossa Criança Interior e simplesmente saltar em novas águas. Assim como a personagem *Alice*, é preciso uma boa dose de curiosidade, abertura e ousadia para mergulharmos na Toca do Coelho Branco e adentrarmos o *País das Maravilhas*.

Os dois romances de Lewis Carroll (pseudônimo de Charles Lutwidge Dodson), *Alice no País das Maravilhas* e *Alice Através do Espelho*, publicados em 1865 e 1872, são extremamente intrigantes e capazes de mexer muito com a imaginação de seus leitores. O *nonsense* de Carroll contém um elemento extra na formação do texto: a matemática. A obra de Carroll foi constituída através de jogos de linguagem, baseados na Lógica, nos quais os capítulos só terminam quando as proposições se esgotam. Carroll usou de seus conhecimentos matemáticos para construir proposições em *Alice no País das Maravilhas*. Da mesma forma, a linguagem astrológica também baseia-se na matemática, conjuntamente requer a capacidade de abstração e imaginação. Conjuga aspetos práticos e intuitivos. Utiliza muitas vezes representações metafóricas e por isso a importância da

¹ Trabalho elaborado em agosto/2014, como requisito de avaliação da Formação Dinâmica em Astrologia, do Centro de Estudos e Inovação em Astrologia – CEIA, módulos ministrados pelo astrólogo João Medeiros, em Lisboa/PT - 2013/2014.

² E-mail para contacto: alicsilveira33@hotmail.com

capacidade de abstração do astrólogo e obviamente do cliente, para possibilitar o entendimento das informações reveladas.

A história de *Alice* tem sido submetida a várias análises e interpretações: psicanalíticas, linguísticas e filosóficas. Diversos artigos e estudos foram feitos sobre o simbolismo oculto presente na obra de Lewis Carroll, mas a proposta aqui é outra. O foco deste artigo é para que reconheçamos a Mandala Astrológica, também chamada Mapa Astral ou Carta Natal como a nossa Toca do Coelho Branco, o lugar em que podemos, se quisermos, realizar o mergulho rumo ao desconhecido de nós mesmos, em busca de novas fronteiras...

1. O Chamado do Coelho Branco



Estava tudo a correr bem, ou não, mas a verdade é que estávamos confortáveis, acostumados já com o que não está bom, com os desgostos, com as chatices cotidianas, com as nossas secretas reclamações e com nossa pouca ou instável felicidade. Eis que de repente a inquietação aumenta, vai tomando conta da cena, sentimos que há algo que precisa ser vivido, conhecido, experimentado ou libertado. Como está não é mais possível ficar... é o Coelho Branco que se aproxima! Para uma conversa? Não, claro que não. Ele corre, é rápido, nada simpático, não quer nos agradar, nem ser nosso amigo, ele passa, nos acorda do sono que caímos com facilidade e então, cabe a nós a escolha, seguir atrás dele e descobrir o que ele pode nos revelar ou virar para o lado e seguir a dormir.

Pode-se dizer que este Coelho Branco é o personagem vivido muitas vezes pelo nosso planeta Saturno. Seja pela representação de um coelho que leva consigo um relógio, a sinalizar a ideia do tempo que avança e nos cobra seriedade e compromisso com os nossos propósitos e com a nossa evolução. Sim, este seria um importante papel de Saturno em nosso mapa, que na mitologia grega é Cronos, o Senhor do Tempo, do Carma.

Saturno também tem um papel de um sábio e exigente Mestre, que “força-nos a desenvolver determinadas qualidades e características que provavelmente nunca nos

teríamos incomodado em desenvolver se não obrigados por pressões internas ou externas”(Sasportas, 2011, p. 228). Encarar o desafio de Saturno, reforça- nos e traz mais realização às nossas vidas.

Esta talvez seja uma das formas de entendermos a presença do Coelho Branco, que pode estar a fazer sua grande e perturbadora passagem, sobretudo nos seus “Retornos”. A cada 29/30 anos Saturno retorna ao ponto exato, em graus, que estava na hora do nosso nascimento, período chamado de *Retorno de Saturno*. Nesses períodos há maiores chances de enfrentarmos situações que, se observarmos com atenção, assemelham-se a este momento da história de *Alice*, nas quais muitas coisas parecem perder o sentido e mudanças são ativadas, exigindo-nos coragem para revisar se estamos de facto comprometidos com nosso propósito.

Eventos específicos podem ocorrer para cada pessoa, a depender de como está Saturno no Mapa e essa será uma questão absolutamente individual. Cada pessoa tem Saturno em um determinado signo, em determinada casa e regendo determinados setores de sua vida, a fazer aspetos com outros planetas e tudo isso será ativado durante o Retorno.

Esses períodos não devem ser percebidos com temor, aliás a energia de qualquer planeta pode ser sentida como negativa quando não estamos vivendo a energia daquele planeta e os processos a que ele nos convoca, ou seja, mesmo o planeta Júpiter, que diferente de Saturno, é visto com otimismo, benção, pode também representar a expansão de uma doença, gastos exagerados e inflação. No caso de Saturno, pode-se associar a posição de Saturno ao local em que temos tarefas a cumprir e se as recusarmos, teremos maiores chances de experienciar limitações na vida, mas se ao contrário, encararmos esses desafios, criamos maiores oportunidades de obter realizações duradouras.

Nesses momentos cabe a cada um decidir como vivê-lo, o aprendizado virá, pode ser sentido mais como um castigo ou mais como um desafio. Nossas escolhas é que determinarão isso, não só na fase do Retorno de Saturno, mas em todos os momentos que sentirmos a



presença do Coelho Branco a aproximar-se de nós.

Isto quer dizer que não só a configuração, mas sobretudo a experiência vivida ao longo do Caminho é que torna uma Mandala única. “[...] o livre-arbítrio está sempre presente. Podemos sempre escolher o caminho que acharmos melhor” (Medeiros, 2013, p. 20).

A descida à Toca do Coelho e as respostas que cada um de nós dá quando está no papel da protagonista – *Alice* – aos constantes pontos de escolhas presentes em nosso dia a dia, são as circunstâncias que configuram um Mapa Astral como um mergulho em águas profundas. Um processo permanente tal qual um “poço iniciático”, de claro-escuro, luz e sombra, num caminho que não é retilíneo e, sim, em espiral.

2. A Toca do Coelho Branco – Nossa Mandala Astrológica



A descida de *Alice* à Toca do Coelho é o *regressus ad uterum* de todos os ritos iniciáticos que implicam transformação simbólica em embrião e uma pré-morte, seguida do regresso à Grande Mãe, onde o iniciado nasce pela segunda vez. Revela-se o paralelismo com os ritos iniciáticos relativos às grutas e fendas das montanhas, símbolos da matriz Terra-Mãe em muitas culturas. Remete-nos à ideia de círculo, o formato mais básico de uma Mandala.

A palavra Mandala, em sânscrito, significa o centro, o círculo mágico, o mistério. É milenar a expressão humana através das formas circulares. A Via Láctea, galáxia espiralada com dois braços que se envolvem a partir de um núcleo, é uma mandala. O Sistema Solar é núcleo da mandala que o circunda de planetas. Nossos olhos, globos mandálicos, enxergam o mundo por uma lente mandálica cristalina ovalada, coberta pela colorida e radiada mandala da íris. Na abóbada celeste, projetamos a mandala zodiacal.

E um círculo com um ponto no meio é o sinal universal para indicar o Sol, fonte de calor, luz e vida. Este símbolo também representa o Ovo do Mundo, de cujo centro proveio e continua a provir, toda a criação (Nichols, 2000).

O círculo tem propriedades únicas, é indivisível e indestrutível, portanto imortal. A jornada da vida também é circular, como bem destaca Sallie Nichols (2000), partimos da intuição inconsciente da infância, passamos pelo conhecimento e voltamos à percepção intuitiva, que é a sabedoria da velhice. Um espiral que, como tal, faz seu movimento de forma circular.

A ideia de círculo como princípio e fim da jornada é simbolicamente expressa pela figura do Uroboros, a mítica serpente que se cria, alimenta e transforma engolindo a própria cauda. Este círculo mágico representa o *layout* simbólico do macrocosmo e do microcosmo, ou seja, do homem perfeito. Ele fica para o início e o fim como para o Alfa e o Ômega, assim como para a eternidade, que não tem início nem fim.

Segundo estudos e pesquisas de C.G.Jung, as mandalas surgem como expressão espontânea na arte, na religião e nos mitos dos povos de todos os cantos da terra, em todas as épocas. Jung (2002) relacionou as mandalas a movimentos em direção a um crescimento psicológico, expressando a ideia de um refúgio seguro, de reconciliação interna e inteireza. Para ele, as mandalas são embarcações na qual projetamos nossa psique, que retornam a nós como um caminho de restauração. Jung reconheceu que figuras arquetípicas (símbolos universais) de várias culturas podiam ser identificadas nesta expressão espontânea do inconsciente.

Em um sentido iniciático, conforme Nichols (2000), é possível estabelecer uma analogia entre o mundo inconsciente e o reino de Hades. Sempre que buscamos conhecer a sombra que trazemos em nosso psiquismo, apresentamo-nos à grande Iniciação.

Uma vez descortinado o véu entre o profano e o sagrado, deparamo-nos com o templo de nosso mundo interior, depositário de valores infinitos, agradáveis ou não, que devem ser plenamente assimilados. Nessa jornada, rompemos as amarras que nos prendem à condição mundana, e alçamos voo a novos planos de consciência, sutis em relação ao antigo, onde vislumbramos um caleidoscópio de possibilidades. A Iniciação tem mesmo seu sentido oculto, mas revela-se de modo perfeito em criações simbólicas como é o caso das mandalas, passíveis de entendimento a todos aqueles que se aventuram por esse caminho sem volta, de autodescoberta e expansão de consciência.

3. Quem ou o que é *Alice*?



*Quem nesse mundo eu sou?
Ah ! Esse é o grande enigma.*
(CARROLL, 1985).

*Ardendo de curiosidade, correu atrás do Coelho campo afora,
chegando justamente a tempo e vê-lo enfiar-se numa grande toca
sob a cerca. Logo depois Alice entrou atrás dele,
sem pensar sequer em como sairia dali outra vez.*
(CARROLL, 1985).

É alguém que sai de sua zona de conforto, daquilo que conhece desde sempre, do lar de sua infância e amadurece em direção à consciência. O estado de acomodação é quebrado pelo elemento mágico, introduzido pelo Coelho Branco, que desperta em *Alice* a curiosidade e a vontade de ir atrás do novo, do diferente, da aventura. Assim, ao ir atrás do Coelho Branco, quer entrar em disjunção com o seu estado de tédio, para entrar em conjunção com um novo estado, emocionante, empolgante e vivo.

Alice, em seu percurso para entrar em conjunção com o objeto-valor aventura, se depara com muitos obstáculos e seres que aparecem em seu caminho. E quanto a nós, que personagens fantásticos podemos encontrar ao mergulharmos na Toca do Coelho?

A partir da posição em que se encontram cada um dos astros na Mandala Astrológica - o signo, a casa e os aspetos que fazem entre eles - configuram-se processos, diálogos, que travaremos ao longo da nossa jornada nesta existência. Esses diálogos podem ser sentidos a primeira vista como muito desafiadores, que nos confrontam com situações não controláveis e que estão a todo instante a questionar nossas certezas. Tal como no encontro da Lagarta com *Alice*:

"Lagarta para *Alice*: 'Quem é Você?'. *Alice* responde: 'Eu... nem eu mesma sei, Senhora. Pelo menos sei quem eu era quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então'".



Esse estranhamento de si, no qual identifica-se em *Alice* em seu diálogo com a Lagarta, é um poderoso ponto de partida para abertura a saltos de consciência. A postura rígida das certezas e convicções impossibilita o repensar e construir uma nova história de vida.

Desta forma, o acesso à Toca do Coelho pede-nos que primeiramente possamos nos despir dessas verdades absolutas, ilusórias, mas que são continuamente acionadas para fundamentar escolhas e atitudes, bem como sentimentos, culpas e preconceitos. A conversa a partir do Mapa Natal convoca-nos a passar pelo processo de *Alice* diante da Lagarta e a nos depararmos com a confusa liberdade de não sabermos ao certo quem somos.

Identidade indefinível em permanente recriação, sendo que qualquer tentativa de definição representa uma definhção. Cada experiência pela qual *Alice* passa, com as sucessivas transformações em que cresce e diminui, explica-lhe que vivemos cercados de estímulos aos quais se reage conforme o nível de consciência que se tem. O trabalho de autoaperfeiçoamento na subida gradual na Escada de Jacó, que é o símbolo maçônico do crescimento gradual na Sabedoria, é possível. A chave que encontramos na descida à Toca do Coelho é que somos um potencial permanente em expansão. Assim tentar definir ‘quem eu sou’, através da astrologia deixará escapar o essencial. Nossa Mandala mostra as energias que temos que lidar e gerir. Desta forma, a questão é não procurar a definição, pois é processo, não está acabado, pronto, mas em construção, criação.

O Mapa Astral revela as energias que estamos condenados a expressar na vida. É a representação simbólica de um jogo de energias. Tal como nos aponta Medeiros: “A Carta dá-nos a arquitetura da nossa jornada de Consciência, a constituição dos diversos andares, o tipo de vilões internos que iremos encontrar, os dragões e também as princesas e sereias” (Medeiros, 2013, p. 20).

4. Alice Através do Espelho – Os Opostos Complementares



No segundo livro *Alice* faz sua aventura através do espelho, já não é mais a Toca do Coelho, o que acontece é a travessia para além da sua própria imagem, um outro nível de mergulho. Diante do espelho *Alice* observa que tudo está invertido, mas novamente sua curiosidade a leva a questionar o que há de oculto naquela imagem e quão mais ela pode revelar se fosse possível nela adentrar, o que no decorrer da história acaba por acontecer.

Uma Mandala Astrológica possui muitos pontos para análise e interpretações, sendo que alguns pontos nem sequer são visíveis na maioria dos mapas que são obtidos através dos sites especializados. Pensar na história de *Alice* e na passagem em que esta se depara com o inquietante reflexo no espelho, é pensar nos pontos que estão na Mandala, mas que muitas vezes não são plenamente considerados numa leitura astrológica.



Assim, um aspeto a se analisar está relacionado aos eixos presentes na Mandala. Olhar unicamente para o posicionamento dos planetas, é ver a realidade parcialmente. Numa visão materialista, nós temos doze signos, porém numa visão energética, nós temos seis eixos. O grau oposto nos reflete tanto quanto o grau exato em que estão os planetas. Ou seja, ter um Sol em Balança refere-se tanto a energia de Balança, como é evidente, quanto à energia de Carneiro, signo oposto, que integra o eixo (Carneiro/Balança). Assim é que deve-se ler as representações dos signos, como fazendo parte de uma díade. Por essa razão, não existe a força de Carneiro sem o equilíbrio de Balança, e assim sucessivamente para todos os signos.

Signos complementares são signos opostos: Carneiro-Balança, Touro-Escorpião, Gêmeos-Sagitário, Caranguejo-Capricórnio, Leão-Aquário e Virgem-Peixes. De acordo com Emma Costet de Mascheville (1997), os signos opostos são eixos responsáveis pela evolução da humanidade. Complemento é o elemento oposto necessário para completar algo; uma de duas partes que mutuamente se completam. O Todo se manifesta através dos eixos, com doze faces complementares entre si. O estudo completo de Emma de Mascheville sobre luz, sombra, cores e polaridades dos signos, encontra-se no livro "Luz e Sombra" (1997), editado pela Sociedade Teosófica.

Cada um dos signos da díade reflete a polaridade de uma mesma energia. Da mesma forma o são as casas na Mandala Astrológica (1-7, 2-8, 3-9, 4-10, 5-11, 6-12).

O **Eixo 1-7**, tem as qualidades de Carneiro/Balança. A casa 1 fala do nosso Eu e a casa 7 fala do Outro. Quando uma pessoa tem relacionamentos nos quais ela se sente invasora ou invadida é porque ela não está sabendo lidar com a energia desse eixo, ou seja, ela não está sabendo aonde ela termina e aonde o outro começa e vice-versa.

O **Eixo 2-8** simboliza os valores, Touro/Escorpião. A casa 2 (Touro) representa os valores materiais, aquelas coisas que nós valorizamos enquanto seres materiais. Já a casa 8 (Escorpião) simboliza valores psíquicos, éticos, morais, abstratos, filosóficos, metafísicos.

O **Eixo 3-9** tem as qualidades Gêmeos/Sagitário. É o chamado eixo mental. A casa 3 (Gêmeos), é a mente que funciona de forma lógica, racional, intelectual, é chamada a mente linear, pois está dirigida às nossas necessidades materiais e objetivas. Já a casa 9 (Sagitário) volta-se não mais às questões de sobrevivência, mas sim para aquelas relativas à nossa evolução; que não está preocupada com a saúde física e mental (Casa 3), mas cuida da saúde energética, espiritual, é a mente que transcende a razão e a lógica e expressa as nossas necessidades abstratas, filosóficas, metafísicas e é a chamada mente circular.

O **Eixo 4-10**, sintoniza as qualidades de Caranguejo/Capricórnio. A casa 4 (Caranguejo) mostra quem nós somos na intimidade, na estrutura de lar, de família, a nossa moradia. A casa 10 (Capricórnio) mostra nossos grandes ideais de realização, como nos projetamos social e profissionalmente. No sentido energético, a casa 4 fala do nosso passado, o que estamos trazendo. E a casa 10 mostra o que temos que ser e para onde temos que ir. Portanto, o eixo 4/10 é o eixo do tempo, que mostra de onde viemos e para onde vamos.

O **Eixo 5-11**, Leão-Aquário, fala do protegido, do protetor, da criança - do adulto. A casa 5 tem as qualidades de Leão e simboliza a criança, os filhos, nossa capacidade de criar. Já a casa 11, Aquário, fala dos protetores, dos amigos, grupos, a comunidade e aqueles que convergem conosco, o lado público dos nossos relacionamentos.

O **Eixo 6-12**, Virgem-Peixes, fala dos nossos corpos. Casa 6 (Virgem) fala do nosso corpo físico e a casa 12 (Peixes) refere-se ao nosso corpo espiritual. Casa 6 fala dos cinco sentidos e a casa 12 fala do sexto sentido. A casa 6 mostra nosso trabalho, as coisas que temos de fazer, realizar para nossa sobrevivência, já a casa 12 fala dos trabalhos espirituais.

Para sintetizar a mensagem energética de cada eixo, temos abaixo um quadro com palavras e processos-chave:

TABELA DOS EIXOS ASTROLÓGICOS – OS OPOSTOS COMPLEMENTARES					
CARNEIRO – BALANÇA	TOURO – ESCORPIÃO	GÊMEOS – SAGITÁRIO	CARANGUEJO – CAPRICÓRNIO	LEÃO - AQUÁRIO	VIRGEM – PEIXES
A Força Criadora	A Matéria Criada	A Lei da Evolução	A Eternidade	O Amor	A sabedoria Universal
Relacionamento entre o Eu e o Tu	Equilíbrio entre os recursos pessoais e os recursos dos outros	Intercâmbio de conhecimentos, ideias e verdades	Integração da força da subjetividade com a objetividade	Poder de criação individual, buscando seu lugar de expressão dentro de uma expressão coletiva	Troca gradativa do concreto, material e físico, pelo abstrato, espiritual, intangível.
Força e Ação	Poder	Conhecimento e Sabedoria	Estabilidade e proteção	Liberdade de expressão	Superação dos detalhes, limites e fronteiras, alcance da transcendência
Impulso e Ponderação	Valores em geral	Processos de evolução e movimento	Mãe e Pai	Criatividade	Processos de expansão da consciência cósmica
Processos ligados à expansão	Processos de depuração e eliminação		Casa e Carreira	Liderança com amor	

Assim como *Alice* ao olhar o espelho vê mais do que sua imagem refletida e ainda se surpreende com cenas que lhe são estranhas e desconhecidas, fica o convite a olhar para além da ideia de que há 12 signos no zodíaco e 12 casas no horóscopo. Começar a perceber como sendo 6 pares de signos (eixos) e 6 pares de casas, é uma proposta que conduz a uma visão e um aprofundamento maior da vibração de cada signo e casa.

O desafio é fazer essa travessia através do Espelho e encontrar o Caminho do Meio entre as polaridades, integrando suas potências, sem excluir ou negar. O signo ou casa oposta quando não reconhecida como parte complementar, torna-se Sombra e passamos a projetá-la nos outros e nas situações que cada vez mais nos desafiam e por repetição pedem a nossa atenção para conscientizar e integrar em nós.

O descobrimento deste universo que é a Mandala Astrológica, afirma-se como uma aventura que não tem fim, nem cenas iguais. O permanente encontro com o Devir, com o novo e misterioso em nós e no Outro.

Considerações Finais

Mandala Astrológica nunca é igual, a cada nova aproximação com seus significados, novas dimensões são alcançadas e iluminadas. E há renovações a cada trânsito dos planetas em torno da nossa Carta Natal, assim como as análises das Direções Simbólicas, Progressões... É o que ocorre também na Revolução Solar, por exemplo, a cada aniversário que completamos, um novo mapa se configura para o ciclo de 365 dias, o encontro do Sol em trânsito com nosso Sol Natal. E a partir dessa configuração, mais uma infinidade de observações e mergulhos são possíveis, sempre tendo como ponto de partida o nosso Mapa Natal.

É por essa razão que, como abordamos neste artigo, ele representa a Toca, não o *País das Maravilhas*, é o canal para acessarmos este universo de informações e sinais, que só terá vida, se ali nós estivermos, despertos, olhos abertos para reconhecer os vários caminhos para nossa realização e especialmente para que possamos encontrar a nós mesmos. A punição e a culpa estão ausentes do livro de Carroll. Julgar o que somos é gerar uma força de bloqueio. O estado final de *Alice* é de ânimo.

Resumidamente, vê-se que *Alice* não é uma obra escrita com o propósito de moralizar e manipular o leitor, levando-o a acreditar que certo padrão é correto e aceitável, ou que certas atitudes devem ser realizadas. É no desvio do modelo, no estranhamento que causa no leitor uma nova possibilidade de mundo, que o livro de Carroll é um convite à reflexão (BRITO, p. 7).

Alice passa por um período de quebra da realidade tal como é conhecida por ela. Em contacto consigo mesma encontra forças para conseguir lidar com as dificuldades e com as exigências sociais e assim reorganizar-se psiquicamente. Ao enfrentar seus medos sente-se livre para dizer não aos papéis sociais tradicionais e, livre para seguir sua vida de forma única e individualizada. Assim, consegue fazer escolhas com autonomia, perceber suas potencialidades e acreditar nelas.

E da mesma forma, deve funcionar a leitura da Mandala Astrológica, pois na Toca do Coelho Branco não há espaço para julgamentos, há para indagações, encontros, desafios e crescimento. Assim não temos que julgar-nos, temos é que dirigir. A busca deve ser pela libertação do brilho Solar e pela expressão plena do potencial único contido na representação da nossa Mandala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITO, Bruna Perrella. **Alice no País das Maravilhas: Uma Crítica à Inglaterra Vitoriana**. Centro de Comunicação e Letras – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo/SP.

[http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/Bruna Brito.pdf](http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/CCL/projeto_todasasletras/inicie/Bruna_Brito.pdf)- acesso em maio de 2014.

CARROLL, Lewis. **As aventuras de Alice: No país das maravilhas. – Através do espelho e o que Alice encontrou lá.** – Outros textos. 3 ed. São Paulo: Summus, 1985.

JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Petrópolis: Vozes, 2002.

MASCHEVILLE, Emma Costet. **Luz e Sombra – Elementos básicos de astrologia**. São Paulo: Ed. Teosófica, 1997.

MEDEIROS, João. **A Carta**. Lisboa: Lua de Papel, 2013

NICHOLS, Sallie. **Jung e o Tarô – Uma Jornada Arquetípica**. Tradução Octavio Mendes Cajado. 9ª Ed. São Paulo: Editora Cultrix, 2000..

RIBEIRO, Anna Maria Costa. **Conhecimento da Astrologia**. Manual Completo. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2008.

SASPORTAS, Howard. **As doze casas**. São Paulo: Editora Pensamento, 2011.